

SÉRIE SABERES TRADICIONAIS – VOL. 3

UM JEITO DE SER E VIVER NO KILOMBO DE MÃE PRETA

COLETIVO DE PESQUISADORAS E PESQUISADORES KILOMBOLAS OKARAN
(ORGANIZADOR)



Casa Leiria



JESUÍTAS BRASIL



OLMA

Observatório Nacional de Justiça Socioambiental
Laciano Mendes de Almeida



UM JEITO DE SER E VIVER
NO KILOMBO DE MÃE PRETA

SÉRIE SABERES TRADICIONAIS - VOL. 3



**OBSERVATÓRIO NACIONAL DE JUSTIÇA
SOCIOAMBIENTAL LUCIANO MENDES DE ALMEIDA -
OLMA**

Provincial da Província dos Jesuítas do Brasil

Pe. Mieczyslaw Smyda, S. J.

**Secretário para Promoção da Justiça Socioambiental
da Província dos Jesuítas do Brasil e
Coordenador Nacional do OLMA**

Pe. José Ivo Follmann, S. J.

Secretário Executivo

Dr. Luiz Felipe B. Lacerda

Editora Casa Leiria

Rua do Parque, 470 – B. Padre Reus

93020-270 São Leopoldo/RS

CASA LEIRIA CONSELHO EDITORIAL

Ana Carolina Einsfeld Mattos (UFRGS)
Gisele Palma (IFRS)
Haide Maria Hupffer (Feevale)
Isabel Cristina Arendt (Unisinos)
Luciana Paulo Gomes (Unisinos)
Luiz Felipe Barboza Lacerda (UNICAP)
Márcia Cristina Furtado Ecoten (Unisinos)
Rosangela Fritsch (Unisinos)
Tiago Luís Gil (UnB)

Coletivo de Pesquisadoras e Pesquisadores Kilombolas
OKARAN
(Organizadores)



UM JEITO DE SER E VIVER
NO KILOMBO DE MÃE PRETA

SÉRIE SABERES TRADICIONAIS - VOL. 3



Casa Leiria
São Leopoldo/RS
2020

SÉRIE SABERES TRADICIONAIS = VOL. 3

UM JEITO DE SER E VIVER NO KILOMBO DE MÃE PRETA

Coletivo de Pesquisadoras e Pesquisadores Kilombolas OKARAN
(Organizador)

Os textos são de responsabilidade dos autores.

Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida,
desde que citada a fonte.

U48 Um jeito de ser e viver no Kilombo de Mãe Preta [recurso eletrônico] / Organização Coletivo de pesquisadoras e pesquisadores Kilombolas Okaran. – São Leopoldo: Casa Leiria, 2020.
(Série Saberes Tradicionais, v.3.)

Disponível em: <<http://www.casaleiria.com.br/acervo/olma/umjeitodesereviver/index.html> >

ISBN 978-65-991675-0-8

1. Comunidades Quilombolas – Rio Grande do Sul.
2. Comunidade Quilombola – Organização para o desenvolvimento. 3. Comunidade Kilombola Ecológica Morada da Paz – Rio Grande do Sul. I. Coletivo de pesquisadoras e pesquisadores Kilombolas Okaran (Org.). II. Série.

CDU 39(816.5)

APRESENTAÇÃO

"A consciência é o pilar dos tempos".

Mãe Preta

Um dos maiores desafios do Brasil do século XXI é, certamente, racializar-se, democratizar suas estruturas que subalternizam, invisibilizam, exterminam e retiram corpos negros, femininos e de povos originários dos espaços de poder, do protagonismo tecnocientífico, filosófico e de todas as esferas de produção de conhecimento. O combate ao *mito da democracia racial* no Brasil é uma luta sem tréguas e, nesse sentido, do ponto de vista acadêmico, a vida contemporânea nos impõe desafios que a modernidade sequer um dia vislumbrou. Quando se tratam das questões étnico-raciais e de gênero no Brasil, são necessárias novas estratégias ontoepistemológicas não apenas para fortalecer e estender cidadania, mas, principalmente, para promover a justiça social pela qual os corpos negros, em particular, lutam há séculos. As “maiorias silenciadas” do Brasil, como bem nos lembra Lélia Gonzalez, já não aceitam mais a *máscara do silenciamento*.

Segundo dados da Comissão Pró-Índio de São Paulo, existem hoje no Brasil (março de 2020), 1.767 comunidades *kilombolas* com processos abertos e 181 tituladas. Entre esses territórios (ainda) não titulados, mas já autorreconhecidos pela Fundação Cultural Palmares, está o da Comunidade *Kilombola* Ecológica Morada da Paz – Território de Mãe Preta (CoMPaz), um *locus* de *(r)existência* no interior do Rio Grande do Sul, estado brasileiro de complexa historiografia negra, marcada por omissão e silenciamento no âmbito do racismo estrutural e estruturante que marca as relações hierarquicamente racializadas no Brasil.

O livro *Um jeito de ser e viver no Kilombo de Mãe Preta*, do Coletivo *Okaran*, escrito por pesquisadoras e pesquisadores *kilombolas* da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e da CoMPaz, traduz, material e simbolicamente, o significado mais essencial das questões étnico-raciais e de gênero de nosso tempo no âmbito da existência universitária: a revolucionária indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e a extensão.

O livro é uma narrativa sensível e um registro de memórias sobre o processo de autorreconhecimento da CoMPaz, em que os corpos negros são sujeitos e não objetos das teorias e metodologias científicas vigentes. Os textos e imagens materializam as lutas da CoMPaz, sua organização, seu contexto histórico, social e cultural, bem como suas estratégias cosmológicas nas relações sujeito-natureza e sujeito-sujeito, dentro e fora do território sagrado, comunicando mundos in(visíveis).

Ao longo de cada capítulo, leitoras e leitores têm a oportunidade de olhar para o território CoMPaz na perspectiva de Milton Santos, um dos maiores intelectuais que o Brasil já teve, em que

o território não é apenas um conjunto de formas naturais, mas um conjunto de sistemas naturais e artificiais, junto com as pessoas, as instituições e as empresas que abriga, não importa o seu poder. (...) É desse modo que ele constitui, pelos lugares, aquele quadro da vida social onde tudo é interdependente, levando, também, à fusão entre o local, o global invasor e o nacional sem defesa (no caso do Brasil) (SANTOS, 2002, p. 84).

Ao percorrer as páginas do livro e ao se deparar com a verdade desvelada que a CoMPaz vive, fomenta e expõe, não se pode negar que a história aqui contada desafia as lógicas cruéis da colonização, do patriarcado e do capitalismo, subvertendo a tragédia da escravidão atlântica e contemporânea, para juntar com pontos feitos com agulha o tecido social brasileiro. Destaca-se, no livro, o olhar das mais velhas e dos mais velhos, mas sem perder de vista a sabedoria das mais novas e dos mais novos, como num *xirê* (festa, roda, brincadeira) literário e epistêmico no contexto de uma vivência *afrobudígena*, capaz de abarcar ancestralidade e histórias intercontinentais, lugares de disputas, territórios, (con)vivências. O texto apresentado é um espaço dialógico de constante (des)formação em que a música ancestral, os toques dos atabaques, a sacudida dos maracás, os sons dos gongos, as comidas ovolactovegetarianas, os cheiros e os abraços carregados de *asé* (força, sabedoria) nos ligam ao *aiyé* (mundo, vida) e ao *orun* (céu), permeados de estrelas, e nos despertam para outras interpretações da realidade historicamente construída. São as histórias de Mãe Preta, cujo ventre pariu as estrelas do céu negro no atravessar eterno do azul-petróleo do Atlântico, que vão dando voz, representatividade e posicionamento político para essas mulheres negras que pensam, escrevem, agem e dizem palavras carregadas de brasilidade nagô que dão forma e sentido à existência, por meio de *Orí* (cabeça), *ara* (corpo), *okàn* (coração), num verdadeiro *ebo* (sacrifício) coletivo.

Um jeito de ser e viver no Kilombo de Mãe Preta é um livro necessário para o país do século XXI, que por meio das Leis 10.639 e 11.645, busca reencontrar-se com o seu passado e o seu futuro, no presente que é agora, por meio das histórias de lutas e da cultura afro-brasileira e indígena que estamos a construir, ouvindo, finalmente, negros e povos originários. É necessário sabê-lo, ouvi-lo, lê-lo, mas, principalmente, senti-lo, para poder viver sua história, compreender suas tradições e seus costumes, visualizar os seus sonhos, lutar por seus projetos e encantar-se com sua pedagogia e com suas cosmopercepções, generosamente partilhados ao mundo externo pelo território que é *sagrado*. As palavras aqui escritas, inquietas e sorridentes, e as imagens aqui registradas pela luz do infinito que capta a sensação des(confortante) do instantâneo, deixam o território sagrado de Mãe Preta e Seu Sete para finalmente desenhar num círculo o tempo de outrora e de agora, que se encontram no *xirê*, dão-se as mãos e seguem juntas e juntos, nos impondo novos compromissos éticos e epistêmicos.

O livro é um convite ao bom viver e à boa luta. Vivamos. Lutemos.

Saravá Mãe Preta!

Porto Alegre, 17 de março de 2020

Alan Alves-Brito¹

REFERÊNCIA

SANTOS, Milton. *O país distorcido: o Brasil, a globalização e a cidadania*. Organização, apresentação e notas de Wagner Costa Ribeiro; ensaio de Carlos Walter Porto Gonçalves. São Paulo: Publifolha, 2002.

¹ Alan Alves-Brito é doutor em ciências (astrofísica estelar), com pós-doutorados no Chile e na Austrália. Desde 2014, é professor adjunto no Instituto de Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), onde exerce atividades de ensino, pesquisa, extensão, divulgação científica e gestão. Integra o Programa de Pós-Graduação em Física e em Ensino de Física e o NEAB (Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros, Indígenas e Africanos) da UFRGS. Coordena o PLOAD-Brasil (Portuguese Language Office of Astronomy for Development) da União Astronômica Internacional. Interessam-lhe temas voltados à integração e ao diálogo da universidade com a educação básica e a sociedade, como a evolução química da Via Láctea, educação e divulgação da Astronomia. *Ìyàwò Dofono de Òsòòsi no Ilê Axé Ogunjá, Recôncavo da Bahia.*